

A experiência de ser pai: um estudo fenomenológico sobre a constituição identitária

The experience of being a father: a phenomenological study about identity constitution

Gilberto Ferreira Barreiros¹

Heloisa Szymanski²

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo o estudo da constituição identitária de homens pais a partir de narrativas de suas práticas educativas junto aos filhos. Seguiu-se a proposta de Ricoeur (1991) na compreensão do fenômeno da constituição identitária. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica, que teve como procedimento a realização de encontros reflexivos propostos por Szymanski (2012) cujos temas versavam sobre a condição paterna na educação dos filhos. O procedimento de análise balizou-se no enfoque da hermenêutica de Ricoeur (1978). A narração de suas experiências proporcionou uma ativa reorganização e uma autointerpretação dos sentidos no processo de constituição identitária.

Palavras-chave: Constituição identitária, Homens Pais, Narrativa, Fenomenologia, Hermenêutica.

Abstract: This research had as aim the study of the identity constitution of male parent identity as of narratives of their educational practices applied to their children. We've followed Ricoeur's (1991) propositions to understand the phenomenon of identity constitution. As a qualitative phenomenological based research that had as procedures the achievement of the proposed reflective meetings by Szymanski (2012) whose themes were about the paternal condition in the education of the children. The analysis procedure was based on the focus of Ricoeur's hermeneutics (1978). Narrating his experiences brought about an active reorganization and self-interpretation of the meanings in the process of identity constitution.

Keywords: Identity constitution, male parent, narrative, Phenomenology, Hermeneutics.

Introdução

O estudo ora relatado pretende compreender como se constitui o processo identitário de um grupo de homens pais de uma creche da periferia de São Paulo, a partir das narrativas de suas experiências e práticas educativas para com seus filhos.

¹ Mestrado e Doutor em Psicologia da Educação (PUC/SP). E-mail: <gilbertobarreiros@gmail.com>

² Professora do programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação (PUC/SP).

Buscaram-se, por meio das narrativas, os encadeamentos de sentidos que se desvelaram e que puderam ser compreendidos enquanto parte relacional do processo de constituição identitária. O objetivo foi compreender os sentidos que surgiram nas narrativas produzidas pelos homens pais referentes às suas práticas educativas em relação aos seus filhos e tomá-las como parte fundamental do processo de constituição identitária.

Esta pesquisa atrelou-se a um conceito de identidade mediado pela função narrativa que se caracteriza pelo caráter relacional, sem se atrelar a nenhum modelo causal do processo de constituição identitária, tal qual formulada por Paul Ricoeur (1991). Este autor surge, para este trabalho de pesquisa, como um dos grandes pensadores do tema da constituição de um “si-mesmo”, enquanto identidade narrativa. O “si-mesmo” não é uma propriedade substancial dada ou meramente presente em todo ser humano, mas tem de ser concebido como um ser em constituição em sua singularidade e temporalidade.

Em sua pesquisa sobre as noções de como ocorre a constituição identitária, Ricoeur (1991, p. 138) elabora uma problemática a ser trabalhada, “a saber, a das identidades pessoais, que só pode precisamente se articular na dimensão temporal da existência humana”, o existir se articula a partir do processo de instauração de sentido, que surge no experienciar do homem no mundo.

Ricoeur (1991) conceitua a identidade narrativa como uma hermenêutica de si mesmo situada em sua temporalidade (experiência temporal humana), ele investiga a temporalidade interna à nossa consciência, de tal forma que a identidade pessoal é compreendida na dimensão temporal da existência humana. A identidade narrativa, então, se configura como um processo dinâmico de configuração de sentidos, mediado pela linguagem, e remete à permanência no tempo do si-mesmo. Segundo Ricoeur (1991) a identidade narrativa se dá na dialética entre duas vertentes que não devem ser confundidas, as quais denominou de identidade-idem (mesmidade) – que indica a noção de permanência do si-mesmo no tempo – e identidade-ipse (ipseidade) – que garante a permanência do sujeito no tempo sem qualquer substrato idêntico a si. Assim, a identidade não está atrelada ao caráter de estrutura, mas sim ao de acontecimento e, deste modo, a ipseidade liberta-se da mesmidade.

A fenomenologia aponta para este caráter relacional do processo de constituição identitária, oposta a uma ideia de substancialidade, pois implica a transmissão de sentidos na constituição de si mesmo na compreensão do mundo e dos outros. Esses sentidos não existem em si, num sujeito isolado, mas se constituem em seu “estar-no-mundo”.

Método

A fenomenologia Husserliana embasou este trabalho tendo em vista a compreensão do homem como ser de infinitas possibilidades, levando-se em conta a complexidade dos diversos sentidos que este possa vir a constituir na experiência vivida de “ser-no-mundo”.

Nessa perspectiva, foi percorrido um caminho de pesquisa contextualizado, temporal e histórico de constituição de sentido. Interrogou-se o fenômeno predominantemente pelo sentido que se mostra em si mesmo, buscando genuinamente aquilo que pode ser descoberto, isto é, indo “às coisas mesmas” (Husserl, 1990/1907).

Este método de investigação oferece um caminho para o conhecimento que parte primeiramente da descrição e posterior compreensão do fenômeno, prescindindo, desta maneira, de ideias teóricas pré-concebidas. É um suspender a suposição natural do mundo ou uma “*epoché*”. Foi posta de lado a noção de um mundo em si e todas as teorias explicativas construídas pela ciência da natureza. Também relevou-se a consciência considerada independente do mundo, assim como as teorias das ciências do homem. Só assim abandonou-se uma atitude natural e assumiu-se uma atitude fenomenológica.

A postura do fenomenólogo não é buscar a realidade factual das coisas, mas sim colocá-la entre parênteses não fixando um olhar. Trata-se apenas de uma suspensão ou, segundo Bello (2000, p. 40), de “uma *epoché*, de não fixarmos a atenção sobre um aspecto, portanto, trata-se apenas de um apagar uma luz sobre algo ou também um subtrair por um momento alguma coisa à atenção e, portanto, um reduzir”. Mundo e homem não existem separadamente, “a coisa mesma” não é entendida enquanto realidade existindo em si, mas como fenômeno, isto é, como manifestação. E esse fenômeno integra a consciência e o objeto, unidos pelo ato intencional da consciência do sujeito que pesquisa. A união se dá pela intencionalidade da consciência.

A intencionalidade é, então, essencialmente, o ato de atribuir um sentido unificando, desta forma, sujeito e mundo, fazendo com que a consciência se torne doadora de um sentido na relação que estabelece com o objeto. Deste modo, não existe uma realidade objetiva independente da separação do sujeito que pesquisa e do objeto pesquisado.

Para a fenomenologia Husserliana, consciência e objeto não são duas entidades separadas, mas se definem respectivamente pela correlação entre elas; trata-se de analisar a forma em que um certo conteúdo se manifesta na experiência, isto é, o sentido ou essência enquanto vivência do perceber. Portanto, para Husserl (1996, p. 6), “a intencionalidade não é algo fixo, o eu puro, não é apenas consciência imanente, mas também a instância de doação de sentido e de ser. A subjetividade não é constituinte, não cria, mas funda o transcendente no imanente.”

O conceito de identidade narrativa formulado pela filosofia Ricoeuriana se constitui na produção de um conhecimento acentado metodologicamente sobre uma base fenomenológica enquanto possibilidade de compreensão de um “si-mesmo” alcançada pelo próprio exame reflexivo. Heleno (2001, p. 344), ao fazer uma análise da obra de Ricoeur, demonstra que as reflexões desse autor a respeito dos temas aos quais se dedicou estão fundamentadas em uma perspectiva hermenêutica e ontológica sempre fidelizada “à abordagem fenomenológica vinda do pensamento Husserliano”.

Procedimento de observação do fenômeno

Por se tratar de pesquisa qualitativa de base fenomenológica, privilegiou-se o uso de encontros reflexivos proposto por Szymanski (2002) que visam à obtenção de narrativas dos homens pais a respeito da compreensão de suas experiências sobre cuidar dos filhos em seu cotidiano. Esses encontros reflexivos com os homens pais, realizados na creche onde seus filhos ficam durante a semana, são um desdobramento da entrevista reflexiva desenvolvida por Szymanski (2002). Com este procedimento, realiza-se um movimento reflexivo com a obtenção de narrativas dos participantes sobre a compreensão de suas experiências sobre o cuidar dos filhos em seu cotidiano.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa-ação ou pesquisa interventiva participante tal qual formulada por Szymanski & Cury (2004), tendo em vista que parte da concepção segundo a qual os encontros com os homens pais têm como base uma práxis reflexiva engajada a um trabalho com enfoque fenomenológico. Sendo assim, o método de pesquisa nos coloca em contato com “a coisa mesma” que, para nós, iguala-se à constituição identitária.

Os encontros reflexivos estão ancorados conceitualmente às entrevistas reflexivas que têm como base:

O encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir momentos de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto à busca da horizontalidade. (SZYMANSKI, 2002, p. 15)

Para a obtenção das narrativas que compõem o material de análise, realizaram-se, antes de cada encontro com os pais, reuniões somente entre os pesquisadores com o propósito de criar modos de interação que pudessem ajudar na criação de uma atividade preparatória para iniciar cada encontro reflexivo. Os encontros sempre tiveram como tema uma questão proposta pelos próprios pais.

Cada encontro iniciou-se com a assinatura de autorização do termo de consentimento livre e esclarecido que permite aos sujeitos compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa. Após assinatura, os pesquisadores se apresentavam e esclareciam a finalidade do encontro e depois pediam a apresentação de cada elemento do grupo. Em seguida, propunham-se tarefas preparatórias anteriormente delineadas que, na maioria das vezes, se constituíram pelo diálogo entre os participantes. Após, em pequenos grupos, começava-se a reflexão sobre o tema por eles anteriormente proposto. A partir daí, a reflexão a respeito do tema seria uma constante até o final. A devolutiva do material levantado pelo grupo era dada durante o processo, isto é, o sentido descortinado pelos pesquisadores era explicitado no momento do encontro. Ao final, era proposto ao grupo que escolhesse um novo tema para o encontro seguinte que deveria estar associado às interrogações em relação à educação dos filhos.

Todos os homens pais participantes dos encontros tinham filhos na creche. Suas idades oscilavam entre 18 anos a 65 anos. A escolaridade era em torno do ensino fundamental e médio, com exceção de um pai que tinha curso superior.

A tabela 1 revela os temas dos encontros realizados, o número de pesquisadores que participaram do processo, o número de pais participantes e a temática abordada.

Número de participantes	Temática	Atividade preparatória
19 homens pais e 3 pesquisadores	Como dizer não aos filhos	Desenho da silhueta de uma criança sobre papel pardo
4 homens pais e 3 pesquisadores	Como lidar com a birra dos filhos	Diálogo em grupo
8 homens pais e 2 pesquisadores	O que é ser pai	Diálogo em grupo
9 homens pais e 3 pesquisadores	Convivência familiar: o lugar do pai	Diálogo em grupo

Tabela 1- Encontros reflexivos com homens pais.

Procedimento para análise do fenômeno

Neste item, será apresentada a concepção fenomenológica hermenêutica na qual se ancorou a análise desta pesquisa. *Compreender* significou neste trabalho ir além da mera descrição do fenômeno, isto é, mergulhou-se em um processo de compreensão hermenêutica das narrativas, interrogando os sentidos que foram sendo evidenciados. Ricoeur (1978) situa a hermenêutica como uma postura epistemológica que busca, a partir das aparências, os sentidos que emergem e que são constituídos pelo indivíduo em sua narrativa. Para realizar isto, tomaram-se as falas dos homens pais como configurações na forma de narrativas, como textos, e assim procedeu-se à compreensão de sentidos que foram se desvelando através de um exercício interpretativo. Nas palavras de Ricoeur:

Pelo trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal. Guardo assim a referência inicial à exegese, isto é, à interpretação dos sentidos ocultos. Símbolo e interpretação tornam-se, assim, conceitos correlativos: há interpretação onde houver sentido múltiplo; e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos torna-se manifesta. (RICOEUR, 1978, p. 15).

Esse olhar fenomenológico no qual Paul Ricoeur (1978) costura sua perspectiva hermenêutica é um posicionamento a partir de um olhar reflexivo sem se basear em teorizações *a priori*. A sua postura hermenêutica interpretativa de um texto está sempre aberta a várias recepções interpretativas que levam em consideração o leitor. Assim, o sentido poderá ser apropriado por diferentes leitores, os quais vão constituindo uma nova hermenêutica em relação ao texto, tornando-o novamente uma nova proposta de conhecimento sobre o acontecimento. O leitor construirá uma compreensão de sentidos a ele próprio a partir de seu olhar interrogativo, tornando o texto um acontecimento experienciável. Deste modo, o trabalho hermenêutico proposto não se restringe unicamente a buscar apenas os sentidos da linguagem, dos símbolos e da semântica das narrativas, mas esse vai além e abre-se na dimensão temporal da compreensão de nós mesmos e do mundo em que se vive. A este caminho hermenêutico Ricoeur (1978, p.15) chamou de “via longa”. Nas palavras de Fonseca,

A via longa começa na linguagem, porque é na linguagem que o mundo e o homem se dizem, mantendo-se desta forma o contato com as disciplinas que exercem o trabalho de interpretação, a História, a Psicologia e, em geral as ciências Humanas – via longa essa que Ricoeur escolheu para a sua hermenêutica, porque se pretende levar a reflexão até ao nível da ontologia, já que, afinal, é o desejo desta ontologia que anima todo o empreendimento, e porque é sempre também na linguagem que toda a compreensão ontológica atinge a sua expressão (FONSECA, 2009).

Em posse da transcrição das falas como narrativas, foram realizadas diversas leituras do material e simultaneamente elaborou-se um conteúdo denominado de síntese. Nessa síntese, foi descrita uma primeira compreensão do fenômeno estudado, isto é, como se defronta com uma primeira compreensão da experiência dos participantes referente a cada tema trabalhado. Esse processo proporcionou a elaboração e construção de novas narrativas.

Após esse momento, enveredou-se a tentativa de configuração do levantamento dos sentidos evidenciados nas narrativas dos homens pais e, nesse caminho, foram agrupados os sentidos que foram surgindo e que apresentavam uma aproximação de horizontes, construindo-se o que foi denominado de constelações (Szymanski, 2004b). As constelações foram consideradas e construídas pela evidenciação dos sentidos daquilo que se busca compreender, isto é, a constituição identitária desses homens pais.

Sendo assim, foi elaborada uma discussão de como os sentidos encontrados, em cada constelação,

podem fazer parte do processo de constituição identitária dos homens pais participantes da pesquisa.

Resultados e análise

A constelação central do primeiro encontro com o tema “Como dizer não aos filhos” foi delineada em torno dos sentidos evidenciados em relação ao diálogo, proteção, orientação, limites aos filhos e às relações com os próprios pais. Denominou-se esta constelação de “Eu, o limite, a orientação e o diálogo com o outro”. Aqui, nas trocas interpessoais, o diálogo, quando aparece, surge na fala dos pais como um modo de prescrição de uma ação que deve ser seguida por eles. A maioria dos pais homens usa os discursos prescritivos, que não dizem respeito à experiência deles em relação aos filhos: “O ‘não’ de não bater nas crianças... Não pode vir com violência com ninguém, porque já cresce pessoa violenta, já fica ignorante na base da pancada, uma palavra é melhor que qualquer violência, antes conversar” (W). “Não é para bater. É sangue. É carne, você ensina seu filho a ser humilde. Tem que demonstrar educação” (L).

A figura do pai aparece como orientador para uma vida mais tranquila e segura. O pai aparece como modelo de proteção. Também surge o sentido doloroso de dizer “não” ao próprio filho, quando este quer coisas materiais que o pai não pode prover. Parece difícil ao pai colocar limites vinculados à sua impossibilidade de ser sempre provedor para o filho: “É mais doloroso para o pai do que para filho. Muitas coisas nós queremos fazer, mas não dá” (L). “Tem coisa que não pode dar, mesmo tendo dinheiro, com relação a brinquedos, mesmo tendo condições. Já falei um monte de não” (A).

Os “nãos” recebidos dos próprios pais justificam a maneira de ser pai. Esta constelação revela como os pais homens assumem suas atitudes de pai enquanto ações desejáveis e corretas em relação às suas práticas educativas, pois os “nãos” recebidos por eles de seus próprios pais foram vivenciados como exemplos a serem seguidos ou como exemplos a serem descartados. O “não” de seus pais os desviou de caminhos errados visando, muitas vezes, a obediência.

O sentido do “não” está associado à proteção contra as coisas ruins desse mundo e à constituição de um bom caráter pelo filho. Suas práticas educativas foram constituídas por comparação ou por oposição a atitudes de seus próprios pais. Pode-se notar, nesta constelação, a importância da alteridade nas relações intersubjetivas experienciadas por esses pais: “Os não do meu pai. Não à droga, não à violência, não para a má companhia e pessoas erradas”. Ele afirma ainda que “existem não que servem como lição para todos nós” (O). “Eu apanhava duas vezes, meu irmão batia e eu apanhava de novo da mãe. Eu tenho hoje que prestar muita atenção para não bater” (W). “Meus pais ensinaram *para quê dormir muito se quando morrer você vai ter a vida inteira pra dormir?* – ele pergunta. É o não para não dormir muito. Hoje eu faço isso com o meu filho João” (I).

Também aparece o sentido de poder estar, desse modo, escravizando o filho, impedindo a este a possibilidade de surgir como um filho que possui desejos próprios diferentes de seus pais. Esses pais parecem estar experienciando um lugar que os coloca em conflito consigo mesmos, em um lugar de contradições: “Eu me sinto como se estivesse escravizando meus filhos” (L). “Temos que ouvir muito as crianças, tentar entender, mas, às vezes, pegamos pesado” (I). “Se agente acaba cedendo, a criança reverte e situação, quebra as nossas pernas” (R).

A constelação central do segundo encontro, cujo tema foi: “Como Lidar com a Birra dos Filhos” – refere-se aos sentidos da violência com os filhos, à relação com os próprios pais e com o diálogo. Chama-se esta constelação de “Eu, educar e ter sido educado”. Nas trocas intersubjetivas desse encontro pode-se evidenciar como os homens pais se organizam e reagem às birras dos filhos. A birra parece ser mobilizadora de uma atitude descontrolada, acompanhada de muita raiva que encontra expressão no bater nos filhos. Esta raiva não consegue ser contida e leva os pais ao ato agressivo em relação à criança. O “bater” surge provavelmente como resposta do pai no sentido de preservar o seu lugar de autoridade e respeito. A perda da autoridade é possivelmente interpretada como ameaça à perda do seu lugar de poder que lhe é atribuído na família. Alguns homens pais parecem estar se compreendendo como corretos e firmes pela prática violenta. O “bater” atribui uma qualidade de bom pai e um lugar de responsabilidade frente à educação dos filhos. A criança ao fazer birra quebra esta regra e expõe o pai ao receio de perder seu papel relacionado à autoridade: “Porque a ira vem e, se você não tiver um sistema bom, você pega a criança e machuca mesmo” (G). “Se você der um tapa resolve!” (S). “Ficar de joelho num canto, dá vontade de pegar a criança de chinelo e dá um coro para deixar roxo” (S).

A reflexão de suas próprias experiências quando criança ao apanharem de seus pais gera dúvidas se é certo ou errado bater nos seus próprios filhos. Esta constelação expressa a relação que esses pais tinham com seus próprios pais quando crianças. A violência por eles sofrida ora gera dúvidas em relação a suas atitudes, ora são referências e exemplos que servem para justificar suas próprias práticas educativas. Há o reconhecimento de suas responsabilidades na educação dos filhos e há muita dúvida de como realizar tal empreitada. Emerge também a percepção de que a forma como seus próprios pais homens cuidaram deles não serve como referência para lidar com as birras e as questões atuais de seus filhos: “O sistema dos antigos era mais bruto. Meu pai me batia com uma borracha da espessura de cinco dedos” (G). “Às vezes você faz certo, às vezes, não” (F). “Ouvi muito: se não bater, a polícia vai bater. Ouço muito isso” (I). “Hoje bater nos filhos dá até cadeia” (S).

A constelação central do terceiro encontro com o tema “O que é ser pai” revelou uma complexa gama de sentidos nos modos como esses homens se reconhecem ao exercer a paternidade. Chama-se esta constelação de “Eu, meu filho e meu pai”. Esta constelação foi constituída em torno de sentidos referentes à relação com os filhos, com o próprio pai e o diálogo possível entre esses sujeitos.

Pode-se notar que a experiência de constituir-se como pai está primordialmente relacionada à alteridade. Especialmente nesta constelação a alteridade nas relações intersubjetivas apresenta-se como um modo fundador da identidade pessoal de cada homem pai. É na relação que esses homens estabelecem com o outro – seja com filho, com a esposa ou com as experiências vividas com os próprios pais – que esses homens vão se apropriando de uma identidade pessoal. O filho surge como constituidor do homem como pai. Ser pai passa pela experiência de ver o filho, de pegar o filho no colo, de sentir o filho corporalmente, da concretude de ter o filho nas próprias mãos: “Só que para mim, enquanto tava na barriga dela, era uma coisa, entende? Depois que nasceu, que caiu a ficha. Eu fiquei meio desnorteado, não sabia para onde ia, entendeu? Mas para mim foi uma experiência muito boa. Quando a menina estava nos meus braços. Porra! Minha filha! Agora eu tenho que trabalhar em dobro para garantir o futuro dela, entendeu? Só que, no momento que tava na barriga, eu não tava muito acreditando, depois que nasceu que eu me tornei pai, foi a partir desse momento, a partir dessa hora” (V).

A constituição de ser pai é sustentada e marcada quando os filhos o chamam de pai. “Agora sou pai

mesmo! A hora que você escuta chamando de pai, você fala: -agora (risos) consolidou mesmo” (V).

Também nota-se que as narrativas surgem referenciando o outro, no caso o próprio pai, como injunção fundamental nos modos como alguns desses homens pais constituem suas práticas educativas. As experiências vividas com os próprios pais surgem fundamentando a constituição das experiências que irão ter com seus próprios filhos. Há uma disposição, por um lado, a ser como um igual ao próprio pai ou por outro, a se constituir como um diferente do próprio pai: “Se é possível preparar, não tenho ideia assim, não, mas eu acho que, igual, no meu caso, eu tirei muito o exemplo do meu pai, né? A criação que ele deu, a educação que eu consegui um pouco, a mesma conduta que ele usou, né? Claro que vai mudando, estou falando porque tem muitas coisas que não dá para você fazer hoje o que eles faziam, né? Mas o seu exemplo, ela vai ter os seus exemplos dentro delas. Então, ela vai crescer, se eu for um bom pai, procurar sempre educar, tudo, acho que olha, por isso também, ir passando para frente, né? Para os filhos dela, para os netos” (F).

Verifica-se as contradições a que estão expostos esses pais da pesquisa, pois ora seguem o que lhes foi compreendido como melhor modo de estar com os filhos e ora, ao contrário, querem seguir o caminho oposto ao experienciado com os próprios pais. Surgem conflitos, pois querem ser bons pais e dar uma boa orientação para o futuro de seus filhos, mas, ao mesmo tempo, põem em cheque as práticas educativas que tiveram e as práticas educativas que exercem para com os próprios filhos. Existe muita dificuldade, em alguns dos pais, em se compreenderem diferentes de seus próprios pais no exercício de suas práticas educativas: “Porque a gente tem muito, nós pais, eu tenho isso comigo, nós adultos temos muitas contradições. Muitas contradições. E as crianças olham aquilo ali e elas querem apontar. E a gente tem muita dificuldade de lidar com isso, com aquilo. Sabe, para mim é isso, sabe? Para mim é isso. Tem muita dificuldade” (I). “Eu me percebo, olha, que eu estou pregando uma coisa e fazendo outra, então assim, é, eu sou muito crítico da educação tradicional, que eu recebi e a minha família, no lugar onde eu cresci” (V).

A constelação central do quarto encontro – cujo tema foi “Convivência familiar: o lugar do pai” – é fruto de um agrupamento em torno dos sentidos evidenciados em relação ao modo de estar com a esposa, entre as diferentes estruturas familiares que se mostraram e também ao modo que compreendem o que é serem bons pais. Esta constelação foi chamada de “Eu, pai e minha família”.

Emergiram das narrativas dos participantes diversas experiências relacionadas a diversos modos de estruturas familiares que apontam o exercício da paternidade como um fenômeno humano e não biológico. Em relação à constituição identitária, este fato social demonstra que esses homens estão experienciando diferentes relações intersubjetivas em diferentes estruturas familiares, o que tem proporcionado um agir humano relacionado à paternidade com diferentes modos de conduta e de constituição de sentidos para a identidade pessoal de cada homem pai: “É, eu durante a semana, de segunda a quinta-feira, eu moro com os meus pais e meus irmãos, então fico lá na Brasilândia onde eu trabalho e moro, então não tenho contato com a minha filha e a minha mulher, só por telefone ou quando ela sai do trabalho e passa na minha casa. Agora com a minha filha mesmo eu não tenho contato de segunda a quinta, só telefone. Sexta, sábado e domingo eu venho pra cá e fico com ela e com a minha filha, minha segunda família, e aí a gente tenta aproveitar o fim de semana com algumas coisas que aparecem, a gente tenta estar participando junto” (V).

A mulher surge como mediadora da relação pai-filho. A esposa pode ou não abrir caminho e espaço para o exercício da paternidade. O sentido que a esposa apresenta nas próximas narrativas é de funda-

mental importância na constituição de uma imagem positiva do homem enquanto pai. “Então eu acho que ela, se comparar assim grosseiramente, é como uma mesa, eu preciso das pernas dela para ficar alinhado e ela também das minhas. Assim a gente segura para que nada caia. Eu dependo dela e ela de mim, então a gente trabalha assim” (E). “Eu sou um pai exemplar, é só isso que eu tenho para falar, minha esposa, ela até falou” (J).

Discussão e considerações finais

A experiência pela qual cada pai passou nos encontros grupais proporcionou um agir humano configurado, no processo narrativo, pela autointerpretação de si, pautado pelos modos de educar os filhos, isto é, de suas práticas educativas. Esse processo levou-os a uma ativa reorganização de sentidos e a uma nova configuração de si mesmos nas relações experienciadas com os outros homens pais presentes nos encontros reflexivos.

Compreender-se, para este estudo, se deu pelo processo de reconhecer-se em uma polissemia de sentidos que se abriram enquanto um processo de constituição de deciframentos de si mesmo através de um pensar reflexivo mediado pelas narrativas:

O homem se compreende pela narrativa, pela narração de suas experiências, porque apreende, assim, os acontecimentos como uma totalidade significativa. Mas, é considerando a própria ação do homem como um texto que se pode ler e decifrar, que Ricoeur amplia sua meditação, para definir uma ontologia do agir humano. (CESAR, 2002, p. 51).

Nesse processo, o conceito de constituição identitária costurada por Ricoeur (1991) em seu livro “O si mesmo como um outro” é identificável pela possibilidade de construções narrativas originadas pelo contato desses homens consigo mesmos e com os outros homens nos encontros reflexivos.

Encontraram-se nas análises das narrativas sentidos evidenciando conflitos e contradições a respeito das diversas formas de viver a paternidade que foram compreendidos nessa pesquisa enquanto um processo denominado por Ricoeur (1991) primeiramente de representação da ação ou pré-figuração; de um ponto mediano denominado de configuração; e um ponto de finalização o qual denominou de refiguração, atrelados ao processo identitário.

Evidenciou-se esse processo nos sentidos evidenciados nas contradições em relação às estruturas familiares que se formam a partir de necessidades cotidianas que os obrigam a romper com os modelos mais tradicionais e ideais de família; nas contradições em relação aos modos de se compreenderem bons ou maus pais que os deixam muito confusos; nos conflitos em relação a se devem ou não bater nos filhos – o que lhes causam muita dúvida e apreensão; nas dúvidas em relação a um modo autoritário ou a um modo dialógico de se relacionar com os filhos, pois não sabem como agir e utilizam como resolução modos prescritivos, afastados da própria experiência com o filho; os modos de como agir com a esposa, a qual assume um papel muito importante na estrutura familiar; nos questionamentos em relação à educação que tiveram de seus próprios pais e à educação que podem dar aos seus filhos; nas suas investidas na esfera particular com suas famílias e na esfera pública; no lugar que ocupam na esfera familiar e nas contradições em relação aos seus trabalhos que, muitas vezes, os afastam de seus filhos causando-lhes muito sofrimento, mas que, por outro lado, lhes concedem um lugar de dignidade na sociedade.

Reconheceu-se, neste estudo, a paternidade enquanto um fenômeno humano no qual as experiências são constantemente refiguradas e constituidoras de sentido. O narrar suas experiências proporcionou uma ativa reorganização e uma autointerpretação dos sentidos no processo de constituição identitária. Imersos nessas contradições surgiram sentidos do eu pai orientador, educador, provedor, protetor, escravizador, dominador, de autoridade, de autoritarismo e violência.

Finalizando, delineou-se que a paternidade não é um fenômeno natural do homem, de sua natureza, mas é um fenômeno em constante constituição, um processo que se dá na intersubjetividade e na alteridade (ser-para-outro) que deve ser compreendido em sua temporalidade e contextualizado historicamente. Os encontros reflexivos enfatizaram a influência mútua entre os participantes, valorizando as experiências individuais, abrindo espaço para os modos de ser, respeitando e proporcionando avaliações e interpretações sobre si mesmo e sobre os outros, fundamentais no processo de constituição identitária.

Essa pesquisa não se fechou em uma teoria a respeito da constituição identitária dos homens pais pesquisados, mas se abriu para a elucidação de aspectos da constituição do processo identitário. Neste trajeto não há final, visto que, compreendeu-se a hermenêutica reflexiva enquanto um trabalho sempre em andamento tanto dos pesquisados, quanto do pesquisador.

Referências

- BELLO, A. **A fenomenologia do ser humano**. Bauru, SP: Educ, 2000.
- CESAR, C. M. A ontologia hermenêutica de Paul Ricoeur. In: ____ (Org.). **A hermenêutica Francesa: Paul Ricoeur**. Porto Alegre: Edpic. 2002. p.43-56. (Coleção filosofia)
- FONSECA, M. J. M. Introdução à hermenêutica de Paulo Ricoeur. **Revista Millenium**, do Instituto Politécnico de Viseu, n. 36, Portugal, 2009.
- HELENO, J. M. M. **Hermenêutica e ontologia em Paul Ricoeur**. São Paulo: Instituto Piaget, 2001.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edições setenta, 1990. [Original de 1907]
- _____. **Conferências de Paris**. Rio de Janeiro: Edições setenta, 1996.
- RICOEUR, P. **O conflito das interpretações: Ensaio de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- _____. **O si-mesmo como um outro**. São Paulo: Papirus. (1991).
- SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: Um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: H. Szymanski. (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002.
- SZYMANSKI, H; CURY, V. E. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. **Estudos de Psicologia**, vol. 9, n. 2, pp. 355-364. 2004.
- SZYMANSKI, H. A Prática reflexiva com famílias de baixa renda. **Anais do II Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos**. Bauru: SEPQ, (2004b).
- _____. Repercussões do pensamento fenomenológico nas práticas psicoeducativas. In: BARRETO, C. L. B; MORATO, H. T. P. CALDAS, M. T. (Orgs). **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Curitiba: Juruá, 2012.

Recebido em: 18/04/2013

Aceito em: 02/05/2013

